

Jesus e o sábado: a função de um conflito em Marcos (1,21-31; 2, 24-3, 6; 6, 2-6)

TEODORO MEDEIROS

Seminário Maior, Angra

I. O Sábado inaugural (Mc 1, 21-31): uma novidade insinuada

1.1. Composição e trama

Começemos procedendo à exposição da composição narrativa dos dois momentos: um dentro da sinagoga (1, 21-28), e outro em casa de Simão (1, 29-31).

Na sinagoga (1, 21-28)

Situação inicial (1, 21-22): dentro da sinagoga, em dia de Sábado, está Jesus com os discípulos e o seu ensino provoca reacções de espanto entre os presentes. Mostra-se assim que desconheciam quem era Jesus e o que ensinava.

Nó (1, 23-24): o elemento que faz avançar o relato é a entrada em cena do possesso que grita e interpela o Nazareno de forma inaudita, chamando-o de Santo de Deus e perguntando se destruirá os espíritos impuros. Introduz-se portanto uma tensão no relato.

Acção transformadora (v. 25): o equilíbrio inicial é restabelecido através da ordem dada por Jesus ao espírito para que esteja calado e abandone o homem.

Desenlace (v. 26): a anulação da tensão introduzida durante a complicação dá-se quando o espírito abandona o homem imediatamente

Situação final (1, 27-28): é superada a ignorância inicial e agora a Jesus é reconhecido um estatuto inaudito. A sua especial ligação de ensino e autoridade no agir, (διδασχὴ καὶνὴ κατ' ἐξουσίαν- novo ensino com autoridade), v. 27, não conhecia paralelos e justifica o rápido espalhar da sua fama.

Em casa de Simão (1, 29-31)

Exposição (1, 29-30a): explica-se que, no mesmo dia, os discípulos e o Nazareno se transferem para a casa de Simão, onde estava a sogra com febre.

Nó (v. 30b): Jesus toma consciência da sua doença, por meio dos discípulos.

Ação transformadora (v. 31a): os gestos de Jesus resumem-se a aproximar-se e levantá-la pela mão.

Desenlace (v. 31b): ela fica curada da febre.

Situação final (v. 31c): ela começa a servi-los.

É fácil constatar que os dois momentos manifestam o exercício da mesma autoridade: o enredo flui como um contínuo agir do “santo de Deus” que tem grande impacto no desenrolar dos acontecimentos. As outras personagens agem em relação a Ele, consoante se identificam ou não com as suas ações. É notório que esse critério de distinção determina também o agir posterior de Jesus; o espírito impuro perderá a sua morada mas a “cidade inteira”, que o aceita (v. 33), receberá numerosas curas e exorcismos!

Nesta bipolaridade (ação-reacção), o Nazareno supera constantemente as suas próprias ações; cada vez há mais gestos extraordinários e os gestos são também cada vez mais extraordinários! Não só se passa de um exorcismo para vários e de uma cura para múltiplas, mas também se fala de numerosas doenças e demónios impedidos de falar!

Dado que a história está ainda no início, todas as possibilidades estão em aberto: parece possível que a geral aceitação de Jesus será veloz e inevitável! O narrador já estabeleceu que *o reinado de Deus está a chegar e o povo de Israel é chamado a uma mudança*.¹ E essa chegada é assinalada de forma poderosa mas atípica, porque não se repetirá! Não mais, de facto, se verificará uma reacção tão positiva nas ulteriores situações ligadas ao Sábado e/ou à sinagoga.² Em retros-

¹ D. RHOADS-J. DEWEY-D. MICHIE, *Mark as Story: An Introduction to the Narrative of a Gospel* (Minneapolis, 1999), 74.

² Passe a ambiguidade da cura do leproso em 1, 40: terá ocorrido numa das sinagogas da Galileia de que fala o versículo anterior?

pectiva, a narrativa provoca aqui uma pergunta que só poderá ser respondida no fim do evangelho: que tipo de continuidade terão estes inícios tão auspiciosos?

O motivo do Sábado situa a acção de ensino de Jesus num contexto: como era hábito, os judeus iam à sinagoga escutar leituras dos textos sagrados e comentários explicativos dos mesmos. Ele faz esse comentário de uma maneira nova que surpreende: mas de início apenas o narrador sabe qual a razão dessa surpresa. Sábado e sinagoga definem o carácter especificamente religioso da actividade que é desenvolvida.

De igual forma o exorcismo surpreende porque representa uma acção sem paralelo: ninguém era assim obedecido pelos demónios (cf. v. 27). Tal obediência resulta do reconhecimento que fazem da sua identidade teológica: Ele é o Santo de Deus. A associação do agir com o ensinar em v. 27 sugere que é também como Santo de Deus que o Nazareno ensina. Assim, a sua autoridade e ensino provêm de Deus: é a única explicação dada para a novidade que ele representa. Diremos que a pergunta e declaração do espírito imundo apresentam a tensão dramática do relato: se Ele age de certo modo é porque representa Deus. A tensão reside precisamente no facto desse agir não poder deixar de indicar quem ele é. Por isso, antes apenas o narrador sabe que ele tinha autoridade (v. 22), mas depois todos reconhecem que viram essa autoridade em acção (v. 27).

Quando o possesso atribui uma identidade e missão a Jesus, são apresentados os critérios para reconhecer o êxito do relato. Se identidade e missão se identificam, então é esta diferença essencial que sustenta o episódio e justifica a primeira reacção de surpresa, o exorcismo, o espanto final dos presentes e a cura que se segue. Se fosse um escriba a ensinar, o demónio continuaria em silêncio e a admiração e a fama não seriam efeitos permanentes. De facto, não se sabe o que ele ensinou, nem porque curou a sogra de Pedro: mas tais acções são associadas à expulsão do espírito. É essa acção que ocupa o centro do relato e só dela conhecemos todos os detalhes.

Sábado e sinagoga são expedientes essenciais na unidade do micro relato: permitem a invocação dos modelos vigentes que Jesus assume mas supera. É graças ao dia consagrado ao Senhor que se evidencia a sua superioridade relativamente a escribas ou taumaturgos. A descrição do exorcismo recorda que Ele foi investido no poder do Espírito na cena do baptismo: assim, o seu combate contra o mal insere-se no conflito cósmico entre o Espírito Santo e os espíritos

³ Cf. R. R. BECK, *Nonviolent Story*, Narrative Conflict Resolution in the Gospel of Mark (New York, 1996) 104.

impuros.³

Na luta espiritual entre o bem e o mal, Jesus está já realizando a vitória do puro sobre o impuro. Analogicamente, porque esta luta é associada com o ensino, a sua nova interpretação das escrituras acontece pelo mesmo poder divino. A palavra grega ἐξουσία significa autoridade ou poder: o seu ensino com autoridade é um ensino poderoso. Tal poder divide-se portanto entre o que ele diz sobre a tradição religiosa de Israel e a santificação que opera por Deus. Se Ele foi escolhido e consagrado por Deus para falar em seu nome, então é um profeta;⁴ mas o episódio não dissocia nunca o que ele ensina do que Ele faz, porque Ele não apenas anuncia o reino mas realiza-o já.

O Sábado permite inseri-lo na história de Israel e entre os modelos humanos que esta religião invoca mas apresenta também a sua novidade. Trata-se de um agir que supera o dos modelos estabelecidos. Mesmo assim, é notória a ausência de conflito; apesar das manifestações de poder, Jesus não será acusado por ninguém de fazer ao Sábado o que é ilícito (cf. 3, 3). A cura de sogra de Pedro em dia de Sábado assinala uma grande ironia: o facto de curar ao Sábado parece revestido de naturalidade! Mas apenas em caso de perigo de vida se podia ajudar alguém doente, como se pode depreender de 3, 2!

Esta subtileza e ironia manifesta-se novamente na distinção de 1, 32, quando ao entardecer lhe trouxeram todos os que precisavam de ser curados. Isto significa que tiveram em atenção a proibição vigente de fazer curas ao Sábado e que por isso esperaram até o fim desse dia. Com esta breve referência o narrador salvaguarda a neutralidade dos eventos sabáticos que descrevera antes; a cura doméstica, porque privada, não causou escândalo; as curas públicas, porque planeadas pelas próprias pessoas de Cafarnaum, respeitam as limitações do Sábado.

O enredo serve para apresentar as manifestações especiais de Jesus como concretização do Reino. O elemento cristológico é portanto essencial; já começámos a verificar nos textos que é a partir dele que se compreendem todos os outros elementos da narrativa. Que o instaurar do reino de Deus no mundo seja a trama central da história marcana implica que os motivos privilegiadamente relacionados com Jesus, como o Sábado, sejam veículo dessa instauração.

1.2. Ponto de vista

Interessa-nos descobrir o retrato dos diferentes pontos de vista das várias per-

⁴ Os exemplos deste modelo na Bíblia Hebraica são, obviamente, muitos: cf. Is 6, 9; Jer 1, 5.

sonagens; ou seja, a forma como se relacionam com a trama da história. É-nos apresentada, neste primeiro momento, sobretudo a perspectiva dos judeus presentes na sinagoga; para esses a identidade e o significado da pessoa de Jesus estão envoltos em novidade e mistério! Os verbos ἐκπλήσσομαι (maravilhar-se, v. 22) e θαμβέω (admirar-se, v. 27) expressam esse choque positivo, embora o “novo ensino com autoridade” (v. 27) seja mais significativo; o ensino é a acção que revela Jesus (v. 21) e é indissociável da sua autoridade (v. 22).

O Sábado, referido no versículo que abre o trecho, supõe que estes personagens anónimos reconhecem a este Nazareno competência para comentar as escrituras na sinagoga, ou seja, num acto oficial de culto. Tal uso do motivo do Sábado assinala uma afinidade notável entre Ele e este grupo: partilham a mesma herança religiosa se bem que desempenham papéis diferentes no seu interior! O reconhecimento mútuo de ambos os estatutos (ele ensina-os; eles escutam-no) é significativo; as duas partes se inserem na história de Deus com o seu povo. Vemos portanto que se por um lado o Sábado indica uma proximidade, os efeitos referidos em v. 27 e a cura de v. 31 realçam a diferença fundamental.

E os espíritos impuros reconhecem a identidade e o poder de quem enfrentam; é a perspectiva daqueles que se sentem ameaçados (ἄπολέσαι, destruir, v. 24) pela simples presença do Santo de Deus. Estes partilham do conhecimento do narrador e são por ele usados para desvelar o segredo messiânico (cf. 1, 34). O desenlace deste encontro permite reconhecer aqui a exposição mais clara desse segredo; uma simples ordem de Jesus opera o exorcismo (v. 25)! O que Jesus é e faz está já em pleno curso, mas nem todos o reconhecem ainda plenamente.

Parece ser essa a situação dos discípulos que O acompanhavam; recebem-no em casa de Simão e André (v. 29) e apresentam-lhe a doença da sogra de Pedro (v. 30) e isso revela que aceitam Jesus. O texto omite qualquer referência sobre se reconhecem ou não quem Ele é. Esta omissão do narrador estende-se de facto ao próprio Jesus: Ele ensina, mas não se sabe o quê; Ele exorciza e cura mas não se descreve o sentido dessas acções! Descobrimos assim a estratégia do narrador: a identidade que Jesus recebe de seu Pai no v. 11 e o sentido do seu agir são apresentados aqui apenas indirectamente!

Encontramos portanto pontos de vista bastante distintos: para o narrador, as acções de Jesus revelam o seu poder divino, que transcende as proibições de curar ao Sábado; para os espíritos impuros, Ele é o destruidor enviado por Deus; para os discípulos, Ele é o mestre que eles seguem e acolhem; para os judeus, trata-se de um genuíno homem da tradição, sábio e poderoso como ninguém.

A composição harmoniosa de todos estes elementos provoca no leitor um

certo suspense: ele sabe o essencial sobre Jesus que muitos dos personagens ignoram e é nessa condição privilegiada que assiste aos acontecimentos. Por outro lado, é precisamente esse suspense que lhe permite conhecer a teologia e a ideologia implícita na história.

1.3. Caracterização dos diferentes personagens

Como primeiro e principal personagem (1, 1) Jesus tem um lugar central na narrativa, no sentido que tudo é relativo a Ele, como parece afirmar o próprio Baptista em 1, 7-8 (ὁ ἰσχυρότερός μου ὀπίσω μου, aquele que é mais forte do que eu chegará depois de mim). O agente da narração é o narrador e neste trecho ele serve-se sobretudo da trama, das acções e reacções dos intervenientes e de modelos para apresentar os traços de Jesus. E o único a aplicar-lhe uma classificação directa é o espírito impuro em v. 24, com “o Santo de Deus”. Apesar do nome próprio que lhe é atribuído, Jesus Cristo (1, 1), a sua caracterização está ainda incipiente e é feita em grande parte de forma indirecta; note-se o uso negativo do modelo dos escribas em v. 22!

Ele recebe os traços mais amplos entre todos os personagens; pertence em primeiro lugar à figura dos Profetas que anunciavam as palavras de Deus (cf. Jer. 26, 18-9 e Mc 1, 2). Tal como Jeremias dá uma missão a Baruc (36, 5-6) Ele chamou também discípulos para o seguir (Mc 1, 16-20: estes não escrevem as suas palavras num rolo mas escutam-nas certamente, v. 21).⁵

A apresentação assenta pois em tipos e é esse o grau discernível da caracterização: da mesma forma o poder taumatúrgico de Jesus (vv. 25 e 31) pode ser comparado a outros modelos antigos e contemporâneos. Ele exerce portanto um poder extraordinário que o identifica, em parte, como um “personagem plano”; segundo o jargão, um personagem confinado num modelo, sem “surpresas”. De facto, apenas o exorcismo revela a individualidade de Jesus: ele é consagrado por Deus e venceu já Satanás no deserto (cf. 1, 13). Não há inconsistência na sua apresentação; é uma construção unificada do personagem que se vale de várias referências religiosas.

Um dado surpreendente sobre o Nazareno: em alguns aspectos, a construção parte do profundo para o superficial. Contraste-se a informação de 1, 1 ou 1, 11 com esta designação de Nazareno, pela primeira vez expressa em 1, 24. Ali sabíamos quem era realmente; aqui uma informação dispensável sobre a sua

⁵ E. P. SANDERS, *Jewish Law, from Jesus to the Mishnah*, Five Studies (London, 1990), 3.

terra de origem! Mesmo assim, é patente que os diversos traços contribuem para um crescendo: o poder de curar os doentes atrairá toda a cidade à porta de casa (1, 33)! De igual forma o seu ensinamento novo suscita reacções positivas no nosso trecho mas em 2, 7 os escribas dizem que Ele βλασφημεῖ (blasfema)!

A construção é pois progressiva; um determinado traço toma desenvolvimentos inesperados em outros pontos da história, como acabámos de ver. Isto não significa que haja transformação interior do personagem; nenhum elemento revela uma mudança ou mesmo uma evolução no personagem do Cristo. Basta recordar a cura da sogra de Pedro (em que ἥγειρεν αὐτὴν κρατήσας τῆς χειρὸς, levantou-a tomando-a pela mão, 1, 31) para perceber que Jesus mostra aqui a sua típica compaixão perante os doentes!⁶

O Sábado é um recurso privilegiado da apresentação do Filho de Deus como novo, diferente, como superação dos modelos estabelecidos! Não serve apenas de precisão temporal ou local (porque implica a sinagoga) mas permite introduzir os judeus observantes da religião judaica. Destes conhecemos as reacções de maravilha e a sua adesão aos milagres que se difunde progressivamente (vv. 22, 28 e 32). Estas reacções solidificam no leitor a convicção de uma conformidade básica de Jesus às tradições de Israel.

Sobressai no entanto uma contradição evidente: porque razão não é acusado de curar ao Sábado? Com efeito, a reacção definitiva dos presentes a tudo o que presenciam é reconhecer o ensino novo com poder (v. 27): longe de qualquer polémica, revelam abertura positiva. Este ponto é central: não há nenhuma referência negativa sobre o ensino ou acção do Nazareno, mesmo se eles próprios observavam todas as normas do Sábado! Os mesmos que esperam o fim do Sábado para pedir curas (1, 32) não o censuram por não proceder assim! Esta ironia é um meio pelo qual o narrador torna claro que eles conhecem bem a regra, mas não a aplicam a Jesus. Assim, faz parte da solução final do relato que o personagem principal esteja acima de determinadas regras. Ou melhor, o poder que ele exerce sobrepoë-se às regras que eles próprios observavam.

A Jesus é reconhecido um estatuto especial que o exime de ser julgado segundo os mesmos critérios legais a que eles estavam sujeitos. As limitações impostas são irrelevantes no caso de Jesus: é uma caracterização extremamente positiva. A superação dos modelos vigentes parece estabelecida de forma definitiva: o grupo dos judeus assume uma correcta visão de quem Ele é.

Os discípulos foram apresentados pelos respectivos nomes e profissão

⁶ Algo que se repete continuamente: cf. 1, 41; 2, 5; 2, 17; 3, 10...

(1, 16-20) mas o dado mais significativo é indirecto: eles andam com Jesus (εἰσπορεύονται entrar, v. 21, ἐξέρχομαι sair, εἶρχομαι, ir ou vir, v. 29). O estar em casa de Pedro (v. 29) define uma proximidade física, uma coabitação, mas oculta qualquer acção que os possa constituir como verdadeiros sujeitos. São portanto uma representação do tipo discípulo mas reduzido ao mínimo. Será este um convite eficaz à imaginação do leitor?⁷

Assim parece. Senão vejamos: não é claro até que ponto os discípulos participam das reacções descritas na sinagoga, mas ἅπαντες, (todos), (v. 27) aponta nesse sentido; quando Jesus cura a sogra de Pedro, esta começa a servi-los, em casa, presumivelmente à mesa. Ora, esta proximidade sugere uma relação privilegiada mas o leitor tem de usar da sua imaginação para saber até que terão conversado nessa ocasião. Ele sabe que eles estão reunidos e que naturalmente falarão entre si, mas isso está apenas implícito. A tarefa de reconstituir o tipo de discurso que Jesus estabeleceria depende então apenas das expectativas e fantasia do leitor. É lhe pois pedido um papel activo e subjectivo na construção destes personagens.

Qual será, por outro lado, a verdadeira dimensão do movimento conjunto de Jesus e discípulos? Provavelmente é apenas uma explicitação de ἀκολουθέω (seguir) de v. 18 e ἀπῆλθον ὀπίσω αὐτοῦ (partiram atrás dele) de v. 20. Da-nove realça justamente o uso sistemático da repetição como instrumento de caracterização em Marcos: ἀκολουθέω (seguir) retratará positivamente os discípulos em várias ocasiões (cf. 8, 34: para segui-lo é necessário tomar a cruz).⁸ Por isso se convertem em modelo para o leitor: porque o seguem sem condições e reconhecem a Jesus legitimidade para operar qualquer obra ao Sábado (cf. 1, 31). Eles conformam-no à figura de mestre e elevam-no acima dos escribas como já descrevemos.⁹

O espírito imundo assume um comportamento estereotipado: grita (ἀνέκραξεν, v. 23), mas acaba por ser expulso. O uso de ἐπιτιμάω (repreender) e φιμώω (calar) em 1, 25 realça o poder de Jesus que já se tinha manifestado contra Satanás no deserto (1, 13). O aspecto mais significativo é no entanto

⁷ Nota Merenlahti que “The Bible’s sparseness in giving any formal portrayal of characters (...) may result in a more dynamic and personal view of the character. This is due to the fact that reticence in characterization invites the reader to play an active part in the making of characters.” P. MERENLAHTI, “Characters in the making: individuality and ideology in the Gospels,” in *Characterization in the Gospels: Reconceiving Narrative Criticism*, ed. by David Rhoads and Kari Syreeni (Sheffield: Academic Press, 1999) 52.

⁸ P. L. DANOVE, *The Rhetoric of the Characterization of God, Jesus, and Jesus’ Disciples in the Gospel of Mark* (New York, 2005), 98.

⁹ Entre as funções dos escribas estava interpretar a lei e ensiná-la. Cf. R. A. GUELICH – C. A. EVANS, *Mark* (WBC; Dallas 2001), 56.

a capacidade de reconhecer o perigo real que Jesus constitui. Já tivemos oportunidade de referir que a função das suas palavras é cristológica porém. Novamente, o que estes dados provam é que o narrador fornece só a informação que serve os seus propósitos narrativos e a caracterização de determinados personagens não possui individualidade.

O estudo da caracterização dos personagens mostra que todos revelam algo de diferente sobre o Nazareno: vimos como os traços da caracterização indirecta de Jesus não são menos essenciais ao delinear o seu estatuto único. A construção é diversificada mas unitária e gradual; o facto de ser aqui exclusivamente positiva revela como o aspecto proléptico é essencial. Assim, o leitor é preparado sobretudo para estar em empatia com a novidade que Jesus representa; se as suas acções positivas representam Deus então terão preponderância sobre as dos grupos humanos!

1.4. O Sábado e a apresentação pública de Jesus

De tudo o que vimos até agora, torna-se claro que o texto não pretende fazer um elenco de princípios sobre o Sábado; este motivo introduz, sim, a narração das acções de Jesus, pois é no contexto da observância religiosa desse preceito na sinagoga que o ensino e o poder de Jesus se manifestam. Ele faz a explicação que poderia ser feita por um escriba, mas onde ele inscreve uma novidade, desviando-se daquele modelo. Da mesma forma representa uma novidade a sua acção purificadora: esta acção é típica de Deus, o único verdadeiramente Santo na concepção judaica. A reacção de v. 27 (*novo ensino com autoridade -poder*) liga justamente o ensino ao poder: o ensino comporta a acção purificadora e por isso é novo!

Estes acontecimentos provocam uma ruptura no contexto religioso: o ensino das escrituras conhece outra dimensão; o poder do Espírito de Deus detém agora novas possibilidades até então desconhecidas. Estas realidades emanam de Deus e encontram um retorno imediato entre o seu povo: o Sábado encerra a possibilidade de um ensino que provoca as forças do mal e as destrói eficazmente. Os dois lados da moeda determinam qual poder e efeitos pertencem ao Reino e o próprio cenário ou contexto é redefinido. Ou seja, o entusiasmo e expectativa que se criam em torno do Nazareno incluem nova expectativa sobre o Sábado.

A história e o sucesso público que é estabelecido (e que se estende ao âmbito privado em 1, 29) representam a concretização do Reino de Deus. O valor do Sábado é portanto teológico: Jesus vem de Deus e realiza obras que vêm de Deus. O que Ele faz provoca espanto porque não é de origem humana. O seu

ponto de vista é original e não se confunde com nenhum outro: todos os outros personagens são testemunhas passivas do que lhes era desconhecido até então. Os presentes na sinagoga, os discípulos, os espíritos e os doentes constituem um grupo que reage ao que se pode chamar uma nova vivência do Sábado. Com exceção dos demónios, todos acolhem essa novidade como algo positivo a que devem aderir. Mas mesmo os demónios exprimem algo que o leitor já percebeu: que a autoridade manifestada em Jesus resulta da sua identidade. É o leitor quem pode concluir que o reconhecimento que “todos” fazem a este poder no Sábado e sobre o Sábado é mais uma prova que o confirma.

Assim é reconhecida a sua autoridade e o seu estatuto: à referência anterior de que Ele era filho de Deus juntam-se os modelos de profeta, taumaturgo, mestre, Santo de Deus e Nazareno. O ensino de Jesus estabelece-o como mestre diferente porque Ele surpreende os seus ouvintes: ninguém explicava as escrituras de forma surpreendente como Ele. As suas palavras provocam uma maravilhosa purificação daquele lugar: não é compatível com nenhuma forma, ainda que poderosa, de escravidão do espírito humano. É reconhecido imediatamente como mais poderoso do que eles e como ligado à observância do Sábado de um outro modo, como só se permitiria a um verdadeiro profeta.

Cada um destes pontos é consequência da sua observância do Sábado: é esse o denominador comum que liga todos os aspectos da narração. Porque esta se passa ao Sábado é possível reconhecer quem Jesus é (o elemento mais complexo), como se manifesta o Reino nele, que benefícios implica para o povo e como desde o início se torna manifesto um efeito permanente da sua pessoa e missão junto do povo.

II. Deflagração e contornos do conflito (Mc 2, 23-28 e 3, 1-6)

2.1. Composição dos dois episódios

Temos aqui um exemplo, típico em Marcos, de duas narrativas encaixadas numa só. Esta técnica, também sugestivamente chamada sanduíche, permite que duas histórias diferentes tenham um elemento em comum. O episódio da recolha de espigas é uma disputa legal; o da sinagoga reporta uma cura que Jesus aí operou. Eis como se dá o encaixe: antes da discussão encontrar a sua solução, o narrador insere a história do homem da mão ressequida e a situação final das duas histórias será a mesma.

Disputa sobre as espigas (2, 23-28)

Situação inicial (2, 23): em grupo caminham Jesus e os discípulos. Estes estabelecem um caminho através de um campo recolhendo as espigas de cereal.

Nó (v. 24): os fariseus advertem Jesus sobre a ilegalidade daquele proceder.

Resposta (2, 25-28): a resposta é longa e refere-se ao problema proposto. Não é dada nenhuma informação sobre uma qualquer reacção dos fariseus: estas palavras não têm consequências.

Cura na sinagoga (3, 1-6)

Este trecho envolve elementos muito variados e é por isso difícil dividi-lo.¹⁰ A seguinte divisão pretende evidenciar os momentos essenciais.

Situação inicial (v. 1): Jesus entra (verbo no singular) novamente na sinagoga, onde está um homem com uma das mãos paralisada.

Nó (v. 2): estabelece-se um desequilíbrio porque os presentes (fariseus? Toda a assembleia?) assumem uma atitude silenciosa mas hostil perante a possibilidade de uma cura. É o Nazareno quem toma a iniciativa; dirige-se ao homem (para que esteja ao centro) e faz uma pergunta à qual a assistência responde com silêncio.

Ação transformadora (v. 5): Ele cura o homem depois de percorrer com um olhar furioso aqueles que não se haviam manifestado a favor da mesma.

Desenlace (v. 6): acontece algo que não se realiza totalmente; o grupo dos fariseus junta-se aos partidários de Herodes para conspirar sobre a sua morte.

A unidade dos dois momentos encontra-se na forma como estão encaixados: este artifício só é possível porque há personagens e temas comuns a ambos. Quando Marcos opera um encaixe, estabelece sempre uma correlação próxima entre os relatos. Neste caso, fariseus e Jesus marcam presença quer na discussão legal quer na cura; o tema da legalidade do Sábado ressoa nas perguntas feitas em ambos (ἐξεστίν, se legal ou não, 2, 24 e 3, 4). O mais próximo de uma solução para a discussão parece também estar em 3, 2, na referência à intenção pela qual estes antecipam a cura. Esta intenção pode ser vista como a consequência directa das ideias expostas em 2, 25-28.

As ligações internas sucedem-se: a conspiração de 3, 6 é também consequência do aviso que é feito em 2, 24 e da afirmação de 2, 28. Assim, a segunda

¹⁰ "It contains a mixture of controversy (3: 2,4), healing (3: 1,3,5) and biographical (3: 5a, 6) narratives." R. A. GÜELICH – C. A. EVANS, *Mark* (WBC; Dallas 2001), 131.

história apresenta as consequências da primeira: conspiram contra Ele porque ignora várias vezes o aviso que antes lhe fora feito. E a referência a ἄνθρωπος (homem) de v. 1 ecoa o que tinha acabado de ser afirmado em 2, 27.¹¹ Assinalemos também que a disputa é sobre o recolher das espigas ao Sábado e a cura refere uma acção que sofria legislação análoga (ou então 3, 2 não faria sentido).

2.2. O enredo de 2, 24-28

Depois de uma série de polémicas menores sobre se Jesus podia perdoar os pecados (2, 1-12), sobre as refeições (2, 16-17), o jejum e o esposo (2, 18-22), abre-se o conflito. A diferença é assinalada de forma clara: onde às polémicas sucedia que ἐξίστασθαι πάντα καὶ δοξάζειν τὸν θεόν, (todos se admiraram e glorificaram a Deus, 2, 12- escribas incluídos!), agora põem em causa, directamente, o comportamento dos seus discípulos.

O gesto de recolher espigas era proibido: normalmente essa recolha destinava-se à alimentação mas aqui isso não é claro. O que é claro é que Jesus não respondeu nos mesmos termos da acusação: em vez de discutir se era ou não lícito, Ele prefere invocar o exemplo de uma figura simbolicamente referencial: o rei David. Este, o escolhido de Deus para estar à frente do povo, tinha praticado gestos semelhantes aos dos discípulos. É bem explícita, no entanto, uma condição que parece ser o critério de avaliação. David fez o que era ilícito para colmatar uma necessidade: ele e os companheiros tiveram fome e por isso comeram. Neste ponto, é difícil saber qual a analogia que é estabelecida com o v. 24, uma vez que desconhecemos qual a exacta razão daquele proceder.

O Sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do Sábado (v. 27). Dentro do contexto que temos estado a descrever, isto significa que necessidades básicas como o alimento, doença, etc., são mais importantes que o cumprimento do Sábado. Expliquemos: quando a observância do sábado significar fome, dor, desconforto, então é lícito usufruir da liberdade que já David manifestara. A primeira consequência de semelhante visão parece ser de constituir um escândalo. Os fariseus não terão realmente ficado convencidos de semelhante posição.

A afirmação de que o Filho do homem é Senhor do Sábado é um passo decisivo na afirmação da autoridade de Jesus: – Ele é progressivamente revelado

¹¹ Thus the two stories belong together. R. H. GUNDRY, *Mark: A Commentary on His apology for the Cross* (Grand Rapids, 1993), 149.

como κύριος, (Senhor ou Deus) *no seu ensinar e agir (...) e agora mesmo (καί) em relação à mais sagrada das instituições divinas, o Sábado.*¹² Assim, Ele pretende, tal como David, ter autoridade para quebrar as regras do Sábado (nas condições que referiu antes) e permiti-lo também aos seus discípulos. É um momento revelador: àqueles que vigiavam sobre a recta observância daquela instituição Ele apresenta-se como superior a eles. Constituindo-se assim a si próprio numa primazia, Jesus mostra que o seu ensino e agir não estão sujeitos à actividade que estes exerciam!

Duas formas de autoridade assim opostamente concebidas representam uma ameaça mútua. Desta forma se estabelecem quem são os adversários de Jesus: antes perguntavam qual a razão do seu agir (διὰ τί, por meio de quê, 2, 18) mas agora rejeitam claramente como ilícitas as atitudes do grupo do Nazareno. Mas neste ponto, quando se começa a delinear o conflito, o narrador suspende o relato e introduz um outro exemplo de confronto. A conclusão da disputa será então apresentada apenas ao fim do milagre da mão ressequida.

2.3. O Sábado sob os vários pontos de vista

A questão das espigas revela uma submissão explícita das regras sabáticas à nova autoridade. Os cinco episódios de 2, 1-3, 6 dão continuidade à questão da autoridade do Nazareno levantada em 1, 25-6.¹³ *O filho do homem é Senhor até do Sábado* (2, 28): tal declaração pode então significar que o Sábado é a instância definitiva desta autoridade; a última e mais decisiva prova que é aqui claramente superada!¹⁴ Esta vitória supõe uma concepção radical daquele preceito: não se trata já do dia em que não se deve fazer nenhum trabalho em absoluto, porque o próprio Deus também nele descansou (Ex 20, 11)! Tal regra não encontra aqui eco porque é permitido, por exemplo, com David, comer os pães οὓς οὐκ ἔξεστιν φαγεῖν (os quais não é lícito comer, 2, 26)! A expressão subverte directamente a crítica dos fariseus em 2, 24!

Em caso de necessidade, (ὅτε χρεῖαν ἔσχεν, quando teve falta, v.25), é portanto lícito quebrar pelo menos algumas das regras sabáticas, como saciar a própria fome e a dos outros. O valor moral do descanso sabático, no qual se baseava a proibição de colher espigas, não é absoluto; é inclusive secundário à

¹² R. T. FRANCE, *The Gospel of Mark, A Commentary on the Greek Text* (NIGTC; Grand Rapids, 2002), 148.

¹³ Cf. R. R. BECK, *Nonviolent Story; Narrative Conflict Resolution in the Gospel of Mark* (New York, 1996), 47.

¹⁴ Cf. R. H. GUNDRY, *Mark: A Commentary on His apology for the Cross* (Grand Rapids, 1993), 143.

fome e ao mal estar físico. Mesmo assim, não se trata de repudiar o preceito enquanto tal ou de substituí-lo com algo de novo; esta reformulação parece buscar regras positivas para a observância do Sábado (2, 27).

Neste momento é útil interrogar-se até que medida a consideração de ponto de vista contribui para o nosso objectivo. Muitos autores salientam que o ponto de vista do narrador e do personagem principal coincidem em Marcos. Petersen explica que todos os outros pontos de vista apresentados são avaliados pelo ponto de vista preponderante (o que o narrador partilha com o personagem Jesus). Isso é declarado expressamente em 8, 33, quando Pedro é repreendido por não pensar as coisas de Deus mas sim as dos homens. São 2 pontos de vista opostos que estão sempre em jogo e o narrador afronta-os constantemente no decorrer das acções do enredo:

*É, creio, apenas no encadear dos episódios e motivações imputadas às acções dos personagens que a dimensão total do ponto de vista ideológico de Marcos pode ser percebido. Porque no encadear dos incidentes podemos detectar a maneira formal pela qual o narrador sucessivamente transmite informação ao seu leitor e liga itens de informação uns aos outros de forma sequencial, criando assim um mundo de valores tanto quanto de acontecimentos.*¹⁵

Estas afirmações recordam-nos novamente o carácter do entrecho marcano: conhecemos os personagens através dos acontecimentos (bem como os valores fundamentais à narrativa; a Cristologia; as regras do discipulado e do Sábado!). Assim, ainda que Jesus exprima o seu ponto de vista num número de ocasiões, são as tensões e conflitos que fazem passar a informação. Ou seja, no desenrolar da narração, a história dos conflitos é um meio privilegiado de exposição do ponto de vista de Jesus. Já acenámos à questão da autoridade na estrutura concêntrica de 2, 1-3, 6. É esse o elemento mais claramente apresentado sobre o ponto de vista assumido pelo Nazareno: Ele propõe-se como a nova autoridade definitiva!

Por isso não encontramos um tratado sistemático sobre o Sábado: a apresentação desse motivo serve para descrever o ponto de vista preponderante na narrativa, descrever o conflito da nova autoridade com as velhas autoridades. Parece necessário portanto referir que, além do que tentámos reconstituir, não nos são fornecidos dados abundantes relativos à perspectiva de Jesus sobre o tema. Sendo que a supremacia do Nazareno sobre o Sábado era uma novidade absoluta, algo muito importante fica dito: sobre aquela instituição milenar foi projectada a luz da própria pessoa do Filho de Deus. Aquilo que Ele fazia em prol dos homens,

¹⁵ N. R. PETERSEN, "Point of View in Mark's Narrative" (Semeia 12; Missoula, 1978), 107-9.

como curar, exorcizar, perdoar os pecados, dar o vinho novo serve de pano de fundo ao entendimento do Sábado. É esse tipo de poder que é defendido nesta disputa e será confirmado em 3, 1-6.

Por seu lado, a visão dos fariseus sobre o Sábado é legalista e não se consideram as dimensões positivas da própria concepção que certamente esses agentes nutriam. É um mecanismo de contraste: opõem-se ao valor (estabelecido por todos os personagens até então) da pessoa de Jesus e do seu agir. Nesta fase, esse valor foi suficientemente reforçado ao leitor como valor primordial da narração. A apresentação unidimensional da sua perspectiva cria distância entre o leitor e os fariseus: os seus valores são aqui a observância meramente legal daquele preceito e o exercício do poder que se baseia em tal concepção.

2.4. A Construção dos personagens

É feita essencialmente pelo próprio Jesus, embora Ele seja retratado negativamente por pactuar com actos ilegais em 2, 24. É-lhe atribuída uma variedade de traços: o mestre que é seguido; o profeta que critica as normas do culto; o novo David; a invocação do Sábado serve, finalmente, para o comparar à figura do filho de homem investido em autoridade de Dan 7, 13.¹⁶ Essa categoria bíblica já fora usada em 2, 10 sobre o perdão dos pecados e é aqui reforçada. Mais um exemplo de como a informação é dada ao leitor no decorrer da intriga: é uma progressão em que os pontos reforçados ganham mais significado. O uso de *κύριος* (Senhor ou Deus) em 2, 28 é significativo: das 18 ocorrências do termo em Marcos, praticamente todas se aplicam a Jesus ou a Deus. O termo aplica-se um número quase infinito de vezes a Deus na versão dos Setenta: difícil não admitir aqui um aceno à identidade messiânica de Jesus.

De novo constatamos que a função do Sábado é aprofundar o leitor no conhecer a pessoa do Filho de Deus. Os actos feitos neste dia da semana permitem distingui-lo das autoridades: o seu estatuto é superior ao deles e o exercício da sua autoridade não assume contornos claros no campo legal. Como em 1, 21-31, a identidade do Nazareno é revelada sempre indirectamente e reforçada pelas reacções que suscita. Assim, a crítica dos fariseus não colocará dificuldade ao leitor porque também David quebrara a lei: da própria tradição legal e histórica de Israel que procuram defender, os guardiães recebem um exemplo que justifica o quebrar da lei! Ou seja, o Sábado, porque instituição divina, é apresentado

¹⁶ R. H. GUNDRY, *Mark: A Commentary on His apology for the Cross* (Grand Rapids, 1993), 145.

como critério para um juízo condenatório sobre Jesus: mas é a mesma tradição que lhe serve de critério!

Ele não é reconhecido pelos fariseus: esta falha provém no entanto do especial interesse que a disputa representava para eles. Eles representam aqui o dito de 2, 22 sobre o vinho novo: não pode ser contido em odres velhos! É Ele quem encarna estes odres novos e lhes é pois contrário. Sobre eles o que se estabelece é apenas a preocupação pela proibição em que incorriam os discípulos: um único traço, claramente negativo porque se opõe à pessoa do Nazareno.

É de assinalar também que a interpretação do relato depende inteiramente de quem Jesus é: ao leitor cabe decidir se será lícito ou não que ele se compare a David. Se Ele não fosse investido em autoridade divina os fariseus teriam razão em julgá-lo. Mas, como já indicámos, o narrador estabelece por diversos meios essa autoridade como um valor intrínseco de toda a narração.

No caso dos discípulos, o nosso episódio é bastante lacónico e pouco representativo da complexidade que lhes é atribuída em Marcos. São novamente os seguidores que o acompanham e que, à semelhança de 1, 31, beneficiam do estatuto especial de Jesus. Foram os primeiros a seguir a nova autoridade por não jejuar (1, 18) e por recolherem espigas (2, 23).

Estas considerações sobre os personagens provam a consistência do texto marcano. Se o Sábado se torna um tema controverso, isso deve-se à preponderância que era atribuída ao aspecto legal. A cisão perfeita entre os dois pólos de autoridade, tão distintos, é materializada no Sábado: esta instituição foi simplesmente purificada de acentuações limitadas a um particular ponto de vista.

2.5. Sob a autoridade de Jesus

A afirmação da autoridade do filho do homem sobre o Sábado é feita sem ambiguidade. Porque se trata de um preceito de origem divina, é possível distinguir duas possibilidades:

- a autoridade de Jesus manifesta-se no restituir do Sábado ao seu sentido original. Ele não faz mais que recordar (*nunca lestes?*, v. 25) o que também eles deveriam saber. Tal como David, a sua observância revela uma liberdade que por alguma razão os fariseus não incorporaram. A justa hierarquia de valores foi portanto distorcida em algum ponto da história e é um acto de justiça que seja reposta. É a mesma lei que eles defendem a defendê-lo e não faz pois sentido que seja criticado por fazer algo conforme à tradição;

- a autoridade que Ele tem sobre o Sábado é a de κύριος absoluto, uma vez que tem vindo a ser apresentado como Filho de Deus e superação de todos os modelos bíblicos (AT) e contemporâneos. A diferença é que neste caso abre-se a porta para que Ele possa representar uma novidade absoluta, mais do que uma recuperação do passado. Assim, tudo o que for introduzido por seu intermédio constitui manifestação do mesmo poder divino que curava e ensinava.

Esta segunda hipótese não exclui a primeira: apenas vai mais além. A obra de Jesus, sendo nova, não poderia anular a genuína obra de Deus nos tempos antigos. Ele recorda o que David já apresentara, mas o seu carisma não se reduz à rejeição de uma concepção legalista de Sábado. Os cinco episódios da unidade concêntrica apresentam-no em contraste com normas vigentes. Ele perdoava pecados, escolheu um cobrador como discípulo, comia com os impuros, não imponha jejum aos discípulos e não respeitava a proibição sobre recolher cereal. Tudo isto faz parte da realização do Reino que está próximo dos homens: João preparara-o; Ele encarna-o (cf. Mc 1, 8).

2.6. Trama de 3, 1-6

A história da mão ressequida mostra um conflito pronto a deflagrar: de início é apenas uma intenção (3, 2), está implícito na pergunta de Jesus (v. 4) e toma finalmente um rumo trágico (v. 6). Se já dissemos que esta situação final corresponde também ao episódio das espigas, notemos que o é de algum modo em relação a toda a estrutura concêntrica de 2, 1- 3, 6.

Em termos de enredo marcano, 2, 24- 3, 6 é, por assim dizer, a primeira previsão da paixão porque se entrevê qual será a sua resolução final. Para estabelecer o seu significado, não podemos esquecer que é a conclusão dos cinco episódios (2, 1- 3, 6).¹⁷ O Nazareno merece a morte porque blasfema, come com os impuros, permite aos discípulos desrespeitar o Sábado e Ele próprio o faz quando cura este homem. A leitura teológica destes factos é de que constituem os conflitos que o Reino encontra ao estabelecer-se: são de ordem natural e social mas também de ordem religiosa.

Em vez de assegurar os limites, Deus está agora a ultrapassá-los. O filho do carpinteiro que realiza as maravilhas do Reino subverte, ipso facto, a concepção ju-

¹⁷ Sobre a influência da estrutura concêntrica na interpretação do nosso episódio, cf. J. DEWEY, *Markan Public Debate: literary technique, concentric structure, and theology in Mark 2:1-3:6* (Michigan, 1980), 119 e 121-2.

daica centralizada no templo de Jerusalém. É uma ruptura teológica que perturba a ordem religiosa estabelecida: *o reinado de Deus desafia qualquer outra pretensão ao poder*.¹⁸ Não acidentalmente, à gradual “entronização” do filho de homem como autoridade suprema corresponde a crescente oposição dos representantes do sistema religioso. A revisão dos cinco episódios de 2, 1- 3, 6 mostra-os acusando em pensamento, fazendo perguntas aos discípulos sobre as acções dele, depois interrogam-no a Ele e finalmente reúnem elementos para poderem planear a sua morte.

A causa directa desta última atitude é o facto da cura: o curar fazia parte da lista das proibições do Sábado e era permitido só em caso de perigo de vida. É muito conhecido o exemplo de uma garganta inflamada que se discute na Mishnáh: “sempre que haja dúvida em relação ao perigo de vida, isto se sobrepõe ao Sábado”.¹⁹ Em tal caso era permitido fornecer tratamento por via oral; considerava-se que existia dúvida sobre se ele corria ou não perigo de morrer!²⁰ O exemplo mostra que, ainda que sem rigor absoluto, o princípio em vigor era o do perigo de vida.

Ora, uma mão paralisada seria uma situação permanente e não uma emergência: a cura poderia se feita depois do Sábado sem que se agravasse a condição do doente. Jesus, por outro lado, realiza a cura sem aplicar outro método que não o da sua palavra. Evitaremos pormenorizar ainda mais esta casuística: as palavras do próprio Jesus revelam o que pretende. Retoma ἔξεστιν (legal ou não, v. 4) para declarar novamente que as leis que lhe proibiam aquele gesto tinham de ser redefinidas. E o narrador reforça a ideia atribuindo ira ao seu olhar entristecido (v. 5). A palavra ὀργή, designa normalmente, quer no Novo, quer no Antigo Testamento, a ira de Deus contra o pecador.

É portanto no meio do conflito que são reveladas as motivações dos personagens: o quebrar da proibição manifesta a rejeição da mesma por Deus! E é essa a função do relato deste milagre: mostrar como Deus confere ao seu filho poder para revogar aquela regra. Na descrição da composição assinalámos que o momento da cura é a solução de ambos os relatos: só aqui se confirma que o filho do homem é Senhor do Sábado. Mas esta manifestação proclama também que tipo de poder se estabeleceu. Ao homem naturalmente desfavorecido é restituída a paridade com todos os outros, ao menos em termos físicos.

18 D. RHOADS—J. DEWEY—D. MICHIE, *Mark as Story: An Introduction to the Narrative of a Gospel* (Minneapolis, 1999), 78-9.

19 Yoma, 8. 6. Citado em G. VERMES, *The Religion of Jesus the Jew* (London, 1993), 23.

20 R. T. FRANCE, *The Gospel of Mark, A Commentary on the Greek Text* (NIGTC; Grand Rapids, 2002), 149.

A pergunta fora formulada em termos de fazer bem (como salvação da vida) versus fazer mal (como destruição da vida). Agora parece claro que todas as acções, inclusive as de Sábado, se incluem forçosamente num ou noutro prato da balança.

2.7. Ponto de vista

O miraculado não se manifesta: a sua defesa é assumida por Jesus ao manifestar-se contra as duas escravidões a que estava sujeito. A primeira era física, a segunda era legalista porque impedia que Jesus o curasse. Não sendo, evidentemente, a primeira vez que Jesus cura ao Sábado, o facto reveste-se de significado. Esta particular cura é o sinal supremo de que Jesus opera com o Espírito de Deus (note-se o passivo divino no verbo da cura, ἀποκαθιστάνω, restaurar, v. 5): e é-o em particular para o leitor que acompanha Jesus desde o seu baptismo nas águas do Jordão.

O milagre confirma portanto uma realidade teológica: ao Nazareno foi dada autoridade para colocar ao centro aquele homem (v. 3). Apenas porque precisa de ser curado e porque a sua necessidade é maior do que a dos outros, é imperioso fazer-lhe bem! Na perspectiva do Reino realizado, a proibição é transformada em preceito moral positivo! Entre os valores fundamentais da observância do Sábado figura portanto que ninguém seja deixado a sós naquilo em que os outros lhe podem fazer o bem. Se antes Ele se insurgia contra a proibição de recolher as espigas, aqui cumpre poderosamente o seu próprio princípio de ajudar e fazer o bem.

Diferente é a hierarquia exposta pelo grupo dos fariseus: opõem-se totalmente ao que não esteja conforme às regras estabelecidas ao longo da tradição. E, perante a manifestação do poder presente em Jesus, decidem que tem de ser eliminado! Acontece aqui a separação total entre o velho e o novo porque se eliminam mutuamente. Joanna Dewey salienta que essa conclusão colocada aqui mostra que *os oponentes argumentavam contra a actividade de Jesus em geral e contra a pretensão messiânica que era a base dessas acções*.²¹

Querendo destruí-lo, reconhecem-no como uma ameaça ao sistema que encarnam. Ou seja, foram testemunhas de um poder que começou já a destruir o que eles consideram a recta observância. Esta conclusão (3, 6) coloca-os numa situação de ironia muito forte por relação à pergunta a que não responderam (v.

²¹ J. DEWEY, *Markan Public Debate: literary technique, concentric structure, and theology in Mark 2:1-3:6* (Michigan, 1980), 119.

4) porque irão matar. Está, mesmo assim, coerente com o que deles foi exposto ao longo de todo o texto.

2.8. Caracterização dos personagens

O retrato dos personagens é desenhado pelo narrador, por Jesus e os fariseus. O narrador fá-lo habilmente quando nota a intenção de acusar dos fariseus (3, 2), ou refere o seu silêncio (3, 5): são figuras que se fecharam ao diálogo para poderem planear o mal. O sentimento visível no olhar de Jesus (3, 5) mostra que Ele se enfurece com os que rejeitam a bondade por ele proposta.

Nesse mesmo olhar Ele retrata os fariseus como incapazes de reconhecer que julgavam mal. Estes são constituídos inimigos de Jesus e os seus traços são simetricamente opostos: eles observam todas as regras e defendem-nas; calam perante palavras de desafio; o seu agir não é poderoso nem atende às necessidades dos outros!

A construção do personagem principal conhece progresso: pela primeira vez defrontado com clara oposição, ele interroga, provoca, faz valer o seu ponto de vista e manifesta condenação dos opositores. Alguns traços anteriores saem reforçados: o seu carisma profético manifesta-se na crítica do culto sabático; o seu poder taumátúrgico revela uma formidável eficácia; o seu estatuto de Senhor do Sábado é consagrado na cura e coloca-o como autoridade sobre as autoridades. Pode também ser contado entre os profetas que se deparavam com um Israel que ouvia mas não compreendia.²²

No que diz e no que faz Ele revela as diversas dimensões da sua pessoa e acção: a sua figura adquire assim cada vez mais consistência no desenrolar da narração. É reforçada sobretudo dimensão da compaixão pelos desfavorecidos: como o paralítico ou Levi antes dele, o homem é colocado ao centro. É a realização do princípio enunciado em 2, 27 sobre o sentido do Sábado. A finalidade explícita de abolir a proibição de curar não é a exaltação do taumaturgo de Nazaré mas a realização deste seu princípio humanitário.

Porque o Sábado era dom de Deus a Israel, tal medida constitui uma pretensão inaudita de autoridade: depois que o milagre estabelece essa autoridade, o plano de fariseus e herodianos mostra que compreenderam a própria inferioridade. O episódio mostra pois que ao Nazareno foi reconhecido indirectamente o seu estatuto até pelos seus adversários.

²² Zac 7, 11; Jer 6, 10; Is 44, 18.

2.9. Apenas um Senhor do Sábado

A purificação do Sábado das pesadas das regras a que estava submetido é o cume de um processo mais vasto. A transformação das estruturas velhas para que pudessem lugar à chegada do Reino estava em pleno curso: alguns daqueles odres tinham de ser destruídos para que não se perdessem vinho e odres! O processo consiste em reintegrar o que tinha sido abandonado e desprezado pela velha ordem das coisas. Toda a classe de escravidão infligida aos seres humanos, física, social ou espiritual, conhece o seu fim.

Essa operação é assumida por Jesus sem meias medidas e por isso choca com a prática corrente. No caso do Sábado, o Nazareno tinha sido bem aceite anteriormente nestas suas acções típicas. Agora a situação muda porque os guardiães dos bons costumes dos antigos estão presentes e rejeitam os princípios pelos quais Ele se rege. Não se trata de uma querela que se limite ao Sábado portanto, mas sobretudo a um novo conjunto de valores distintivos do Reino que Ele encarna.

Apesar disso, o Sábado é erigido no lugar teológico mais importante nesta apresentação do Reino. O tema é debatido primeiro em 2, 23-28: uma afirmação explícita da autoridade de Jesus para alterar as regras em vigor. Directamente ligado a esta afirmação, o milagre da mão ressequida constitui prova de que tal proibição constitui um mal. O milagre é pois uma denúncia de como o homem se encontrava escravizado precisamente pela lei.

O preceito revestia-se de uma história longa, era uma das tradições mais genuínas de Israel e estava determinado segundo normas mais ou menos precisas e rigorosas. Por ser assim uma instituição tão central, torna-se um expediente popular para a mensagem de Jesus. Por isso mesmo o narrador prepara o leitor para poder finalmente aqui revelar o seu lado mais radical. Por isso a narrativa atinge uma espécie de clímax precoce que antecipa a resolução final de todo o enredo marcano.

Torna-se assim mais fácil compreender porque o Sábado se revela o momento culminante na apresentação dos valores do reino. É na invocação desse preceito que pontos de vista são expostos, os personagens reagem e tomam decisões, a história avança para a sua conclusão, os traços mais significativos dos personagens são sublinhados e o leitor pode apreender sem ambiguidade os valores inerentes na narrativa.

III. Uma identidade que se revela (Mc 6, 2-6)

3.1. Composição

Este episódio liga-se tematicamente sobretudo ao primeiro texto que estudamos no capítulo 1, 21-31: encontramos novamente uma forte acentuação sobre o ensino de Jesus (v. 2 e 6); as suas obras (2 e 5) as reacções (2. 3 e 6). Os interlocutores são nazarenos como o próprio Jesus (cf. 6, 1) e o tom geral é de oposição passiva e pacífica, pelo que se trata de uma polémica moderada entre ele e os seus concidadãos. De novo, a composição dos diferentes momentos que constituem o trecho não é linear:

A história não tem estrutura formal, mas consegue-se dividi-la em duas partes. Primeiro, abre com Jesus ensinando na sinagoga (6: 1-2a). A audiência atônita responde com uma série de perguntas sobre Jesus (6: 2a-3). Ele responde com um ditado proverbial sobre a falta de honra (6: 4), e a história conclui com dois comentários sobre o impacto da resposta sobre o ministério de Jesus (6: 5-6a).²³

Esta é a primeira acção desenvolvida na sua própria terra: o enredo episódico é centrado sobretudo na informação que o leitor recebe e não numa acção (enredo de revelação). Assim, alguns dos elementos que foram já desenvolvidos revestem-se agora de novidade: o ensinar é apresentado como em 1, 21, de forma geral e sem nenhuma referência concreta ao que Ele terá dito (6, 2a), mas os ouvintes assumem perante Jesus admiração e escândalo (o conhecimento que têm da sua profissão e família impede-os de ter fé, cf. v. 6).

O dito de Jesus em 6, 4 confirma a sua impotência e a falta de fé dos nazarenos em vez da sua própria autoridade: um profeta é ἄτιμος (sem honra) na sua própria terra e na sua própria casa. Assinala-se assim um contraste com o que antes se tinha contado sobre o dia de Sábado: às acções de Jesus não sucede a maravilhosa adesão ou uma manifestação clara da sua autoridade. Antes se revela, sobretudo em comparação com 1, 23-31, um novo tipo de oposição, passiva, contra Jesus de Nazaré: e Ele próprio se confronta com essa realidade, não opondo-se por palavra e acção (cf. 3, 1-6), mas como que aderindo a ela.

Os papéis são invertidos: Jesus não domina totalmente acções e personagens, mas são estes últimos que determinam a continuidade da acção dele. Ele vai aqui às cidades vizinhas não por iniciativa própria (1, 38) mas em função do fraco acolhimento recebido. Isto não obsta à geral analogia com os outros dois

²³ R. A. GÜELICH – C. A. EVANS, *Mark* (WBC; Dallas 2001), 307.

Sábados marcanos em que o contexto da sinagoga e da sua acção é decisivo e suscita reacções: essa analogia torna evidente o que está em jogo porque introduz elementos totalmente novos. A nossa análise permitir-nos-á precisamente descrever o efeito e os modos dessa novidade.

3.2. O enredo do episódio

O curto episódio depende em muito da sua localização geográfica: é atípico porque constitui a única passagem por Nazaré em todo o texto de Marcos. Também porque não se parece inserir facilmente no enredo geral do evangelho: a facilidade com que Jesus se declara *προφήτης ἄτιμος* (profeta sem honra, 6, 4) não se coaduna com o seu comportamento em muitas outras instâncias.²⁴

Os acontecimentos da sequência narrativa são partes significativas da mesma: ou porque dão conta de um movimento em direcção ao cumprimento do mandato, ou porque narram o encontro com obstáculos que frustram esse cumprimento.

Deveremos inserir o episódio nesta descrição de Tannehill? Ele interpreta Marcos como a história do cumprimento do mandato que Jesus recebe do Pai. Refere igualmente que, a cada pessoa que age com um objectivo, se lhe pode atribuir uma tarefa ou mandato. Mesmo assim, admite que *muitos dos personagens da história de Marcos aparecem apenas em um episódio, pelo que não é óbvio que os seus mandatos e tarefas contribuam para a unidade do conjunto de todo o Evangelho.*²⁵

Qual será pois a tarefa de dos conterrâneos de Jesus e será obstáculo ou ajuda no cumprimento do enredo marcano? Aparecendo este grupo apenas uma vez, é tentador declarar que não contribuem para a unidade do evangelho ou que não desempenham uma função no enredo marcano. Até que ponto o motivo Sábado é aqui veículo da sua exposição cristológica? Notemos a introdução do termo *ἄπιστία*, (incredulidade), resumindo esta rejeição resoluta da sua pessoa.

O termo designa a definitiva não aceitação que dele fizeram: isso não é em si uma novidade absoluta na narração, apenas se trata de uma modalidade particular. Em 3, 31-35 Ele já tornara claro que família de sangue era uma consideração puramente humana e que não se identificava com a verdadeira família segundo Deus. Aqui, dá-se uma nova cisão total entre as duas perspectivas e o único paralelo possível torna-se portanto o conflito com os líderes que o destroem.

²⁴ "Jesus' goodness in Mark's story is not passive and private. It is a goodness that brings him to initiate a challenge against certain practices of his day. He provokes and disturbs." R. R. BECK, *Nonviolent Story*, Narrative Conflict Resolution in the Gospel of Mark (New York, 1996), 39.

²⁵ R. C. TANNEHILL, "The Gospel of Mark as Narrative Christology" (Semeia 16; Missoula, 1980) 61-62.

Retomando as palavras de Tannehill, não é óbvia a função destes contrerrâneos na missão do Nazareno. Não deixam mesmo assim de representar uma dificuldade particular: a do seu encontro com quem o julgava segundo critérios humanos e se fechava à dimensão essencial. Sábado (e sinagoga) invocam novamente o escândalo insuperável que Ele constituía para alguns dos seus contemporâneos.

Como já notámos, esse efeito é conseguido principalmente por contraste com os outros momentos de Sábado: resta salientar que esse processo constitui a introdução de um novo valor da narrativa. Ou, de outra forma, a aceitação definitiva da rejeição a que foi sujeito, porque é uma atitude do personagem principal da nossa narrativa, implica que essa rejeição é um elemento consistente da narrativa.

3.3. Ponto de vista

Chegados a este ponto foi-nos já dado reconstituir a perspectiva de Jesus no contexto de Sábado e sinagoga. Normalmente as suas acções revelam eficazmente os valores que Ele assume. A surpresa aqui é precisamente que o seu agir é limitado e o valor que ele parece assumir é o da indiferença que lhe é dedicada!

*A voz de Jesus, o seu “discurso,” destrinça os pontos de vista dos outros personagens ao fazer a distinção ideológica entre pontos de vista considerados no plano da ideologia.*²⁶

Ou seja, é pela sua voz que são valorizadas as outras vozes e lhes é atribuída a interpretação que exprime a ideologia subjacente à narrativa. Quando Ele afirma que *não há profeta sem honra, senão na sua terra*, (v. 4), invoca portanto um padrão de desprezo que lhe foi aplicado pelos nazarenos. E é tudo o que tem a dizer. A reacção negativa da assembleia em Nazaré é dada por definitiva e irreversível. E é normal que assim seja porque todas as anteriores reacções assinaladas nesse contexto o são: assim é para a multidão de Cafarnaum em 1, 21-28 e os fariseus em 3, 1-6.

O ponto de vista do narrador tende a assumir e a coincidir com o de Jesus. Mas ele também se manifesta de forma independente:

*A sua principal manifestação, para além da sua voz em terceira pessoa, ocorre naquilo que outros críticos descrevem como “comentário,” “informações directamente dirigidas ao leitor.”*²⁷

²⁶ N. R. PETERSEN, “Point of View in Mark’s Narrative” (Semeia 12; Missoula, 1978), 109.

²⁷ N. R. PETERSEN, “Point of View in Mark’s Narrative” (Semeia 12; Missoula, 1978), 110.

A informação directa neste caso é que Ele *estava impressionado pela incredulidade deles*, (v. 6). Este comentário sugere que a ausência de milagres (v. 5) se deve unicamente à atitude dos nazarenos e não a uma escolha feita por Jesus. O contraste entre a actuação de Jesus aqui e nos passos anteriores é assim debelado: os seus conterrâneos recusaram-se a adoptar um outro ponto de vista que não o que ele enunciara no v. 4. E da mesma forma, o v. 6 garante o prosseguir da sua acção tal como fora descrita até então.

É notório que Sábado e sinagoga (ou o tema do ensino) servem para este contraste: o Nazareno realizava prodígios entre as multidões e era acolhido onde quer que passava; em Nazaré não acreditaram nele! A perspectiva simples que manifestam ter dele resume-se a uma palavra: carpinteiro (v. 3). Trata-se de um ponto de vista restringido à história que precede a própria narrativa; não por acaso estas informações sobre a família e a vida de Jesus antes do exercício do seu ministério não têm paralelo em toda a narrativa marcana.

No contexto específico de Sábado fora reconhecido o estatuto singular do Nazareno (1:21-31), apresentada a sua igualdade com David (2, 24-28) e a sua realização dos valores do Reino (3, 1-6): agora serve à introdução do tema específico da incredulidade. É porque este tema é proposto em relação com sinagoga e/ou Sábado e, portanto, em paralelo com aqueles outros importantes temas que ganha uma especial relevância.

O ponto de vista é o de quem não reconhece as manifestações que se sucedem depois do baptismo de Jesus. Sendo que nessas reside a manifestação da verdadeira identidade do filho de Maria, prescindir delas é não reconhecer que Jesus é quem Ele já demonstrou ser! Essa perspectiva é aqui incorporada na narrativa (mesmo se entra em colisão com os valores que até então o motivo do Sábado servira para introduzir).

3.4. Construção dos personagens

Os nazarenos não recebem normalmente uma grande atenção nos estudos dos personagens marcanos. Rhoads insere-os sob a categoria de povo e dedica-lhes apenas uma frase: *onde a fé em Deus que cura através de Jesus está ausente, como em Nazaré, apenas algumas curas acontecem*.²⁸ A frase é curta mas tem os seus méritos: por um lado, refere o único traço que deles é desenvolvido, a falta de fé; por outro lado recorda que apenas ali isso acontece!

²⁸ D. RHOADS—J. DEWEY—D. MICHIE, *Mark as Story: An Introduction to the Narrative of a Gospel* (Minneapolis, 1999), 131.

Recordemos que o Sábado estabelece aqui uma um mecanismo de comparação: eles foram introduzidos a uma experiência semelhante à dos presentes na sinagoga de Cafarnaum (até porque também aqui se dão curas). Se em 1,22 ἐξεπλήσσουντο (maravilhar-se) dá lugar a ἐθαμβήθησαν (admirar-se) em 2, 27; aqui (6, 2) será sucedido por ἐσκανδαλίζοντο (escandalizar-se) em 6, 3: este jogo de palavras exprime o contraste a que temos aludido. Nessa comparação o que sobressai é a reacção de escândalo! Pode ver-se aqui uma evocação do outro Sábado em que uma cura de uma mão provocou o escândalo e a inimizade dos fariseus: aqui como nesse momento, o poder presente em Jesus não garante a superação deste obstáculo. As curas que Ele faz não convencem e Ele tem de partir: como antes os fariseus também saíram e planeavam matá-lo!

Em termos de caracterização, é importante referir que esta falta de fé e oposição ao profeta conterrâneo é o único traço que lhes é atribuído! O léxico confirma precisamente a proximidade do texto aos Sábados anteriores e como este efeito de comparação é pretendido pelo narrador. Quando o leitor se apercebe que esta falta de fé não terá nunca sido vencida por Jesus, torna-se manifesta a eficácia do relato e a sua unidade.

Os traços sobre o próprio Jesus conhecem um alargamento: é filho e é irmão de pessoas que é possível identificar e conhecera um mester. Tais informações constituem um nível absolutamente superficial de apresentação da sua pessoa. Da mesma forma que estava separado da família (cf. 3, 21), também estes ficarão alheios ao seu agir. Apesar dos novos dados, não há nenhuma oposição por relação ao que de Jesus se afirmara nos episódios anteriores. Antes se confirma como profeta, como mestre e como taumaturgo que realiza ao Sábado as obras do Reino. A invocação do Sábado mostra que os elementos novos são o que impede o reconhecimento autêntico de quem Ele é. Basta recordar que os seus familiares o tinham considerado louco em 3, 21: não o reconhecem a partir do seu ensino ou do seu agir.

3.5. A “inaceitável” autoridade de Jesus

A análise do episódio do 3º Sábado marcano não revela um aprofundamento na exposição daquela instituição. Antes se verifica um reforço das informações que já haviam sido oferecidas anteriormente sobre Jesus: é explicada a modalidade concreta de oposição a Jesus que se baseia sobre a sua identidade familiar e ocupação anterior.

O Nazareno ensina e cura como antes, na sinagoga. Mas a sua autoridade não se impõe sobre o obstáculo patenteado. O narrador recorre ao Sábado para

apresentar assim um relato estereotipado: esta técnica permite-lhe reforçar no leitor a consciência que lhe foi inculcada nos 2 primeiros relatos. O sentido do relato advém-lhe em grande parte dos seus paralelos passados igualmente ao Sábado na sinagoga.

A técnica de repetição de um modelo de história faz sobressair nas suas encarnações sucessivas sobretudo as variações. Os elementos repetidos constituem o esquema pré-definido mas são os originais a receber toda a atenção. No nosso caso, a atenção recai, não sobre o que é repetido no agir de Jesus (em consonância com os outros 2 Sábados) mas sobre o novo conflito insuperável (que constitui paralelo com o 2º Sábado mesmo sem assumir os mesmos contornos trágicos).

O uso do motivo do Sábado mostra a consistência da narração marcana: sobretudo no estudo desta último relato foi notório como a sua correcta interpretação depende dos episódios anteriores. Sem o conhecimento das prévias acções daquele que aqui se declara ἄτιμος (sem honra), das reacções e transformações que causara nos mesmos contextos de Sábado e sinagoga, o leitor perderia a verdadeira dimensão do tema da falta de fé.

Mas, ao ler em sucessão e em paralelo, ele percebe a reacção de escândalo como definitiva, a limitação ao poder de Jesus como parte integrante da ideologia ligada à incredulidade e de como a atitude dos nazarenos constitui um traço típico ou modelo negativo de atitude relativamente ao Filho de Deus.

Conclusão

Em Marcos não se diz muito sobre o Sábado mas diz-se bastante sobre o que Jesus fez ao Sábado: ao longo do nosso trabalho vimos que a instituição do Sábado surge como tema apenas em 2, 24-3, 6. Geralmente aparece como um motivo privilegiado para aceder a alguns dos valores mais essenciais da narrativa marcana. Sinal disso é o facto de que muitas vezes nos remete para a introdução do evangelho e a apresentação de Jesus como aquele que realiza o Reino de Deus previsto em Isaías e como o Filho de Deus investido do Espírito do Pai.

Um primeiro ponto que sobressai no nosso estudo é a complexidade harmónica destes três textos: não surgem como meras reconstituições históricas mais ou menos exactas de certos eventos. Apresentam-se sobretudo como genuína produção literária: a consideração das várias instâncias do texto permitiu aceder à riqueza do seu significado e identificar a subtilidade das conexões entre os diversos elementos, os efeitos de sentido e as acentuações pretendidas pelo narrador.

Em resumo e por ordem, o Sábado (em grande parte acoplado com a sinagoga) configura a interpretação das escrituras como diferente e indissociável de um poder novo (1, 21-31); recorda a insuficiência do legalismo como critério principal para a sua observância (2, 24-28); introduz uma ruptura com as proibições que criavam desfavorecidos entre a assembleia (3, 1-6); incorpora na narrativa a obstinação contra a identidade teológica do filho de Maria (6, 2-6).

Os resultados teológicos desta operação referem-se sobretudo a Jesus: é enviado por Deus e as suas palavras e obras são eficaz realização do Reino (1, 21-31); a sua autoridade sobrepõe-se à dos fariseus porque é semelhante à de David e se compara à de Deus (2, 24-28); Ele instaura um Reino em que o factor humano se sobrepõe ao das proibições da lei (3, 1-6); e, finalmente, Ele é impotente perante a resoluta rejeição da sua pessoa e ministério (6, 2-6; cf. também o significado que o ensino e o curar assumem na caracterização de Jesus em 1, 21-31).